



O RECURSO DO MÉTODO: UMA RUPTURA NA HISTÓRIA OFICIAL DA AMÉRICA HISPÂNICA

HEMILEWSKI, Ada Maria (URI) ¹

RESUMO: Alejo Carpentier, escritor cubano e grande estudioso da história do continente americano, realiza, através de sua obra literária, uma reconstrução da história, conduzindo o leitor à reestruturação do significado dos fatos históricos abordados para as comunidades latino-americanas. Este ensaio focaliza as relações que se estabelecem entre a história e a ficção, em seu romance *O recurso do método*, publicado em 1974.

PALAVRAS-CHAVE: Alejo Carpentier; Literatura e História; Romance.

RESUMEN: Este ensayo focaliza las relaciones que se establecen entre la historia y la ficción en la novela *El recurso del método* (1974), obra de Alejo Carpentier, gran estudioso de la historia del continente americano. El escritor cubano realiza, por medio de su obra literaria, una reconstrucción de la historia, de manera que lleva el lector a la reestructuración de los significados de los hechos históricos para las comunidades latino-americanas.

PALABRAS-CLAVE: Alejo Carpentier; Literatura e Historia; Novela.

Desde a independência dos países hispano-americanos, sua literatura possui uma tradição de ruptura, que se torna mais marcante no século XX, quando podemos destacar três momentos: o das vanguardas literárias da década de 1920; o dos anos 40, reflexo da crise cultural, provocada pela Guerra Civil Espanhola e pela Segunda Guerra Mundial; o dos anos 60, causado pela difusão da Revolução Cubana. Por isso, Emir Rodríguez Monegal considera a ruptura como um processo permanente na América Latina. Por sua vez, Carlos Rama pensa que, “para escrever a história de nosso mundo contemporâneo, será necessário recorrer, na mesma medida, à análise dos arquivos, aos fatos materiais e à literatura da época e, dentro dela, especialmente, ao romance.”²

Assim, O recurso do método,³ de Alejo Carpentier, é um romance que contribui com a história e a cultura hispano-americanas, ao representar o início do século no continente, por meio da saga de um ditador, o Primeiro-Magistrado. Esse mantém-se no poder através de violenta repressão aos vários movimentos de oposição a seu governo e ao imperialismo norte-americano. A última rebelião e a retirada do apoio dos Estados Unidos obrigam-no a se exilar em Paris, onde vive seus últimos dias.

Mesclando personagens e fatos históricos reais com personagens e fatos históricos ficcionais, Carpentier situa o leitor dentro de um período de tempo específico, determinado pelos acontecimentos históricos a que alude: Revolução Mexicana, I Guerra Mundial, Revolução Russa. O tempo do discurso é, predominantemente, cronológico, seguindo o tempo da história, que inicia por volta de 1913 e acaba por volta de 1940, quando acontece a morte do ditador.

Ocorrem poucas analepses: uma, no primeiro capítulo, quando o Primeiro-Magistrado recorda a morte e o sepultamento da esposa, Dona Hermenegilda, sucedido três anos antes; outra, no segundo capítulo, subcapítulo IV, quando recorda sua infância na Vila Verônica; uma terceira, no capítulo VII, subcapítulo 20, quando a personagem Ophélia recorda sua infância no país-natal. Há uma única data explícita, 1972, que antecede o sub-capítulo 22, no qual o narrador fala sobre o túmulo do ditador, no cemitério Mont-Parnasse e que, ao final, traz impresso: "Havana - Paris 1971-1973", delimitando a data da escritura da narrativa.

Essa data permite classificar o romance como na narrativa ulterior, uma das características do romance histórico. A história é narrada por um narrador heterodiegético onisciente intruso, que focaliza, quase que exclusivamente, um personagem – o Primeiro Magistrado – a quem, em algumas passagens, dá voz, através de monólogos e pequenas narrativas. O foco narrativo muda em apenas duas curtas passagens: quando desloca-se do Primeiro Magistrado para Peralta, seu secretário. Em outra passagem, o foco é Ophelia, a filha do Primeiro-Magistrado, que rememora sua infância.

A obra está construída em capítulos de alternância e contraposição espacial: nos capítulos 1, 3 e 7, o protagonista se move no mundo parisiense; nos capítulos 2, 4, 5 e 6, em sua pátria, um pequeno país latino-americano. Essa alternância de espaço demonstra a fascinação exercida pela Europa e, no caso específico, pela França, sobre as elites latino-americanas. Em entrevista publicada em *Le Figaro*, em 1975, Carpentier declara que seria muito interessante estudar a relação da América Latina com a França, bem como, a influência francesa nos países do continente.

O grande personagem do romance é, sem dúvida, o ditador, a quem Carpentier não dá nome, chamando-o simplesmente de o Primeiro-Magistrado, designação comum dada aos mandatários latino-americanos. Ao seu redor, gravitam uma série de personagens secundários, que formam a corte do ditador: embaixadores, negociantes, intelectuais, membros da sociedade parisiense, funcionários etc. Entre eles, destacam-se seu secretário Peralta; o coronel Walter Hoffman, presidente do Conselho de Ministros; Cholo Mendonza, seu embaixador em Paris; o general rebelde Ataúlfo Galván e sua amante, a Maiorala Elvira. O ditador possui quatro filhos, um deles, Ariel, é embaixador nos Estados Unidos; o outro, Marco Antônio, é um play-boy internacional; o terceiro, Radamés, morto numa corrida automobilística, e a filha, Ophélia, que leva uma vida de milionária esnobe na Europa, desprezando profundamente o país onde nasceu.

Há, no romance, um personagem que não participa da corte do Primeiro-Magistrado – é o povo – principalmente os universitários, a juventude representada pela figura do Estudante. A personagem que não possui nome, como o ditador, representa todos os estudantes que se opõem ao regime de força do tirano, assim como o tirano representa todos os ditadores latino-americanos que se prolongaram no poder através da repressão, da violência e da dependência externa.

Em *O Recurso do Método*, a relação que se estabelece entre a ficção e a história é indireta: o protagonista é um personagem ficcional. No entanto, é possível perceber a estreita relação que há entre ele e os ditadores históricos (reais) da América Latina. Para criá-lo, Carpentier realiza uma espécie de colagem das características de vários ditadores, conforme declara em entrevista a Pierre Mazars, publicada em *Le Figaro*, em Paris, no dia 28 de julho de 1978.

O fato de o ditador de Carpentier não ser um personagem histórico, mas um personagem ficcional, criado a partir de características de personagens históricos, submete a história ao estatuto da ficção. A ficção recria e confere vida à história, iluminando-a. Por outro lado, o Primeiro-Magistrado situa-se entre seus pares históricos, através de diversas passagens.

Nos jornais americanos, a personagem é citada ao lado de ditadores latino-americanos históricos, como: Rosas, da Argentina; Dr. Francia, do Paraguai; Porfirio Días; do México; Estrada Cabrera, da Guatemala; e Juan Vicente Gómez, da Venezuela. No exílio, o Primeiro-Magistrado, recorda os ditadores latino-americanos que caíram em desgraça como ele: Estrada Cabrera, Porfirio Días, Guzmán Blanco e Rosas. Essas citações provocam um efeito de real, fazendo com que o leitor reconheça no Primeiro-Magistrado o típico ditador latino-americano.

A presença de ditadores, que se perpetuam no poder em vários países da

América hispânica tem suas raízes no período colonial. Embora tenham conquistado sua independência no início do século XIX, esses países não sofreram profundas mudanças nas estruturas políticas e sócio-econômicas. Em consequência, a vida política dessas nações é marcada pela instabilidade econômica, pela submissão das massas e pelo predomínio das oligarquias rurais. A ausência de um poder institucionalizado propicia o surgimento de caudilhos, que, à frente de exércitos regionais, são responsáveis por uma tradição militarista, ligada aos interesses dos latifundiários e do capital estrangeiro.

Esses caudilhos transformam-se em ditadores que, muitas vezes, permanecem por décadas no poder, como é o caso do Primeiro-Magistrado, no romance de Carpentier: "E, se meu país gozava de paz e prosperidade, era porque meu povo, mais inteligente, talvez, que outros do continente, havia sabido reeleger-me três, quatro - quantas vezes? - , sabendo que a continuidade no poder era uma garantia de bem-estar material e equilíbrio político. Graças ao meu governo" (p. 22).

Contudo, a vaidade e a ambição provocam rebeliões no seio do próprio governo. No romance de Carpentier, essas rebeliões, tão comuns na América, também acontecem quando, primeiro Galván e, mais tarde, Hofmann sublevam-se com o único objetivo de conquistar o poder e os benefícios que dele advém. A expansão do imperialismo americano, ocorrida no início do século, em substituição ao imperialismo britânico, também marca o governo do Primeiro-Magistrado que, embora relute em aceitá-lo, julga-o inevitável para sua permanência no poder:

procedendo-se para isso, uma vez que toda guerra é cara e o Tesouro Nacional anda meio quebrado, à cessão para a United Fruit Co., da zona bananeira do Pacífico - operação que se arrastava há muito tempo por causa dos senões, alegatos e objeções de catedráticos e intelectuais que só sabiam dizer besteiras, denunciando os apetites -inevitáveis, meu Deus, inevitáveis, fatais, queiramos ou não, por razões geográficas, por imperativos históricos - do imperialismo yanque. (p. 28).

Na medida em que expandem seus negócios, os yanques passam a executar uma política externa cada vez mais agressiva, não hesitando em realizar intervenções militares, sempre que seus negócios são ameaçados. A ameaça de intervenção leva os governos a agirem sempre de acordo com os interesses dos norte-americanos, sob pena de perderem o poder. Idêntico a seus pares históricos, o ditador do romance de Carpentier acaba agindo sempre de acordo com os interesses dos Estados Unidos.

Isso pode ser observado quando o professor Dr. Luiz Leoncio Martínez lidera o movimento de oposição, com o apoio de estudantes, jornalistas, políticos,

advogados e alguns jovens oficiais. O Primeiro-Magistrado não aceita a oferta de uma rápida intervenção das tropas americanas, feita pelo embaixador dos Estados Unidos, considerando-a humilhante para a soberania nacional. Porém, acaba praticando um dos piores atos de violência de seu governo, na tentativa de evitar a intervenção e salvaguardar os interesses norte-americanos:

E então, foi a confusão: as tropas soltas, em debandada, incontidas, saíram à caça de homens e mulheres, com baioneta, facão, faca, atirando os cadáveres trespassados, abertos, degolados, mutilados no meio da rua, para melhor escarmento. E os últimos combatentes, uns trinta ou quarenta - foram levados ao Matadouro Municipal, onde, entre couro de reses, tripas, vísceras e fel de animal, sobre charcos de sangue coagulado, foram pendurados nos ganchos pelas axilas, pelos joelhos, pelas costelas, ou pelo queixo, depois feridos a pontapés e coronhadas (p. 68).

As conseqüências do imperialismo também se fazem sentir no terreno cultural. Nas escolas, onde antes se ensinava o latim, agora se ensina o inglês. Os jornais, romances e filmes norte-americanos invadem o país, e o natal se transforma em *Christmas*. Apesar da violenta repressão e do apoio dos norte-americanos, a oposição ao governo do Primeiro-Magistrado cresce e tem como principal articulador os jovens. São os estudantes que, tanto no universo romanesco, como no universo histórico, não se calam e incitam a população a rebelar-se.

A grande ameaça ao governo do Primeiro-Magistrado é o Estudante, um jovem cujo nome ninguém sabe. Entretanto, o imperialismo norte-americano impede que as mudanças pregadas pelo jovem, transformado em mito pelo povo, se concretizem porque não convém a seus interesses e, por isso, apóiam Leoncio Martínez, embora o mesmo não possua o prestígio popular do Estudante: "Mas, precisamente porque os gringos têm medo do Estudante - e, mais que tudo, das idéias que representa -, apóiam o homem de Nueva Córdoba. O indivíduo lhes importa pouco. Mas personificam um tipo de democracia que eles invocam sempre que querem mudar algo na América Latina" (p. 210).

Quando o Primeiro-Magistrado tenta argumentar com Peralta, afirmando que poderiam conquistar a simpatia popular, denunciando a intromissão dos ianques nos assuntos nacionais, pois o povo não gosta dos gringos, Peralta deixa bem claro quais são os interesses da burguesia: "Nosso povo, não; mas nossa burguesia sempre se acomoda com eles. Para nossa gente endinheirada, gringo é sinônimo de Ordem, Técnica, Progresso" (p. 210).

Apesar de todos os esforços para manter-se no poder, o Primeiro-Magistrado tem o mesmo destino de tantos outros ditadores latino-americanos que, de-

pois de permitirem a entrada dos gringos em seus países, são dele alijados em nome dos interesses do mesmo país a quem tantos favores prestaram. Os norte-americanos não hesitam em retirar seu apoio e substituir o ditador para salvar seus interesses. É essa a realidade constatada pelo Primeiro-Magistrado quando é obrigado a se afastar do poder, através do diálogo que mantém com o agente consular norte-americano: “Eu, que sempre me entendi tão bem com vocês... Com tantos favores que me devem’. O outro sorri, por trás de seus óculos de aro de tartaruga: ‘E sem isso... como é que o senhor teria se mantido no poder? Favores? Agora os receberemos do catedrático teósofo” (p. 237-238).

O ditador pergunta por que os ianques não apoiaram o Estudante e, então, esclarece-se, de fato, a dimensão histórica dos movimentos estudantis ocorridos na América, e do qual nasceram muitas das mais representativas lideranças da América Latina: “Desse seria difícil consegui-los. É um homem de raça nova, dentro de sua raça. Desses que estão nascendo em grande número no continente, embora os generais e doutores daqui se empenhem em ignorá-los” (p. 238).

A presença do Estudante, nos capítulos finais, demonstra a crença de Carpentier na possibilidade de mudanças reais. No entanto, para que isso aconteça, é preciso que o povo crie condições para tal. No romance em foco, também é preciso esperar, segundo o diálogo mantido pelo Estudante com o único personagem histórico ficcionalizado, o cubano Julio Antonio Mella, quando ambos viajam a Bruxelas, onde participarão da I Conferência Mundial contra a Política Imperialista: “Cai um aqui, levanta-se outro ali, disse o Estudante [...] E, há cem anos, o espetáculo se repete. Até que o público se canse de ver a mesma coisa [...] É preciso esperar” (p. 276).

Outro fato histórico presente na obra é a I Guerra Mundial. Quando ocorre o tiro em Sarajevo, o Primeiro-Magistrado está empenhado em realizar uma campanha nos jornais para consertar os estragos causados à sua imagem com a publicação de reportagens sobre a carnificina ocorrida em Nueva Córdoba, nos jornais parisienses. Por isso, recebe a notícia com alívio, pois agora a imprensa tinha um novo assunto e se esqueceria dele.

Carpentier enfoca, também, a prosperidade econômica dos países hispano-americanos, causada pela elevação dos produtos agrícolas durante a guerra: “Com aquela Guerra Européia -que - na verdade, e era melhor nem dizer, estava sendo uma benção de Deus -, o açúcar, a banana, o café, a batata atingiam cotações nunca vistas, fazendo engordar as contas bancárias, levantando fortunas, trazendo luxos e refinamentos que, até a véspera, pareciam coisas de novela mundana ou filmes” (p. 125).

Essa súbita riqueza leva o Primeiro-Magistrado a realizar aquilo que, seria sua grande obra de governo: dotar o país de um Capitólio Nacional. No entanto, a prosperidade econômica só faz aumentar a distância entre as classes sociais. O empobrecimento faz com que cresçam os movimentos contra o governo do Primeiro-Magistrado. Começam a aparecer pichações com a sigla da Revolução Anarco-Sindicalista (R.A.S.).

A declaração de guerra às potências centrais, em apoio aos Estados Unidos, desvia temporariamente, a atenção do povo aos problemas internos do país. Após a guerra, a classe dominante não se dá conta da mudança da situação:

Enquanto isso, uma já inflada prosperidade, levada por um incontrolável impulso, continuava crescendo em especulações e desperdícios, sem que os favorecidos e beneficiados fizessem o menor caso dos sombrios vaticínios de certos economistas - desmancha-prazeres puritanos, cujas vozes de sibilas calculadoras destoavam do entusiástico coro daqueles que cantavam os gozos de uma ficção cada dia renovada. Porque se vivia uma ficção (p. 164)

O Primeiro-Magistrado também participa deste mundo de ficção, e resolve trazer óperas européias a seu país, “oferecendo a seus compatriotas um espetáculo semelhante aos que se apresentavam em Buenos Aires e no Rio de Janeiro - urbes de olhos sempre postos nas artes e no refinamento do Velho Mundo” (p. 165). Observa-se, também, a fascinação exercida pela Europa e por sua cultura sobre a burguesia, que é uma das marcas da obra e está retratada na figura do ditador:

Paris, em troca, era a Terra de Maravilhas e a Terra da Promissão, o Santo Lugar da Inteligência, a Metrópole do Saber Viver, a Fonte de Toda Cultura, que, ano após ano, em diários, periódicos, revistas, livros, louvavam - depois de realizar a suprema ambição de viver ali - os Rubén Darío, Gómez Carrillo, Amado Nervo, e tantos outros latino-americanos que da Cidade-Mor haviam feito, cada um à sua maneira, uma espécie de Cidade de Deus (p. 81).

Percebe-se que a França é considerada em situação de superioridade. Devido à ostentação de riqueza pela classe dominante, e a miséria cada vez maior do povo, bem como a crescente conscientização dos trabalhadores, ocorrem greves em vários países da Hispano-América. Essa situação está retratada na obra de Carpentier. Não podendo fazer nada, porque as ruas permaneciam vazias e o comércio e as casas fechadas, o ditador toma uma atitude: “assassinou a si mesmo, fez espalhar a notícia de sua morte, para que as massas saíssem à rua e fossem metralhadas no soberano alcance dos tiros (p. 220).

Seus atos têm graves conseqüências. Os Estados Unidos resolvem intervir, pois o Primeiro-Magistrado não lhes interessa mais e, por isso, é substituído, conforme lhe comunica o Embaixador dos americanos: “Não vim aqui para discutir, mas para lhe expor uma realidade. O dr. Luis Leoncio conta com o apoio das forças vivas do país. E seguido por muitos jovens com idéias generosas e democráticas” (p. 227).

A crise econômica do pós-guerra, presente na obra de Carpentier, reforça a representação histórica na ficção: “o açúcar da República tinha sofrido uma pavorosa queda nas lousas das Bolsas Mundiais” (p. 172-173). A posição de economia complementar e periférica da América Latina reforça o modelo primário-exportador, até por volta de 1930. Mantinha-se uma economia de base cíclica e dependente do comportamento do mercado externo em relação ao chamado “produto-rei” de cada país.

A partir daí, como desdobramento e alternativa da crise de 29, verifica-se uma reciclagem das economias latino-americanas. Um dos aspectos mais importantes dessa reciclagem é o aproveitamento das oportunidades que se abrem para a realização de projetos internos de industrialização. A crise também determina uma modificação na política externa norte-americana em relação à América Latina.

O presidente Roosevelt elabora a “Política da Boa Vizinhança”, diante da constatação de que uma política de dominação mais sutil é mais eficiente em relação ao uso do poder político e econômico do que a intervenção aberta. O colapso do setor agrário-exportador possibilita uma série de movimentos revolucionários que assinalam a emergência de novas lideranças, as quais estão retratadas no romance de Carpentier através de um personagem ficcional – o Estudante – e um personagem histórico – o líder cubano Julio Antonio Mella.

Em *O recurso do método*, Carpentier, valendo-se da proximidade do discurso histórico com o discurso ficcional, devido ao caráter narrativo de ambos, transpõe a história para a literatura. No entanto, não se limita a realizar uma simples transposição dos fatos históricos para o universo diegético. Baseado na história, o escritor cria um país-síntese da América hispânica, que sofre as mesmas conseqüências da I Guerra Mundial e do imperialismo norte-americano, realmente vividas por esses países.

O diálogo entre a história e a ficção no discurso de Carpentier, bem como entre narrador e leitor, possibilita a identificação das estruturas sócio-político-culturais comuns aos vários países que compõem o continente. Permite também a percepção de que o autor acredita que a transformação da realidade sócio-política-econômica só pode ocorrer através de uma revolução que resulte de um

levante popular como declara o Estudante no encontro com o Primeiro-Magistrado.

Com exceção de Julio Antonio Mella, os personagens históricos da obra não são ficcionalizados, como é comum nos chamados romances históricos. Embora haja a citação de vários personagens reais ao longo da obra, eles apenas são utilizados para situar o mandatário e o país ficcional entre países e personagens reais, num dado contexto histórico. O que se lê em *O recurso do método* não é o verdadeiro, mas o possível, pois a partir da história real, a imaginação do autor cria o universo romanesco. No entanto, essa (re)criação possibilita uma melhor compreensão da verdade dos fatos históricos, pois a ficção de Alejo Carpentier cumpre o papel de provocar uma ruptura com as vanguardas da América hispânica, e com a história oficial, desvendando suas lacunas, bem como as causas, consequências e implicações que, muitas vezes, deixa de registrar em seu discurso.

NOTAS

- 1 Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu de Letras na URI, Campus de Frederico Westphalen, RS, Doutora em Letras pela PUCRS.
- 2 RAMA, Carlos M. *La historia y la novela y otros ensayos historiográficos*. Buenos Aires: Nova, 1978. p. 24.
- 3 CARPENTIER, Alejo. *O recurso do método*. São Paulo: Círculo do Livro. Todas as citações serão retiradas dessa edição, sendo indicadas, no texto, somente as páginas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 2 ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- CARPENTIER, Alejo. *O recurso do método*. São Paulo: Círculo do Livro.
- FARIA, Ricardo de Moura et al. *História*. Belo Horizonte: Lê, 1989, v. 3.
- GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. *Considerações sobre o estatuto do texto histórico: entre a ciência e a ficção*. Mimeo.
- GUINSBURG, J. *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- JOZEF, Bella. *Romance hispano-americano*. São Paulo: Ática, 1986.
- LEMUS, Virgilio López (Org.). *Entrevistas: Alejo Carpentier*. La Habana: Letras Cubanas, 1985.
- LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NAVARRO, Márcia Hoppe. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS; MEC/SESu/Proedi, 1988.

NAVARRO, Márcia Hoppe. *Romance de um ditador*. Poder e historia na América Latina. São Paulo: Ícone, 1989.

RAMA, Carlos M. *La historia y la novela y otros ensayos historiográficos*. Buenos Aires: Nova, 1978.

SCHMIDT, Mário. *Nova historia crítica da América*. São Paulo: Nova Geração, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

Ada Maria Hemilewski possui graduação em Curso de Letras pela Faculdade Católica de Filosofia Ciências e Letras de Bagé (1974), especialização em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco (1977), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1995), mestrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professora titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação (Stricto-Sensu) em Letras – concentração em Literatura, Membro de corpo editorial da Revista Língua & Literatura, Membro de corpo editorial da Revista Pedagogia em Questão, Membro de corpo editorial da Literatura em Debate, e Membro de corpo editorial da Revista de Literatura, História. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Graciliano Ramos, Romance de 30, Literatura biográfica, Literatura e História.